



# XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **12/08/2018**

Aprovado em: **14/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.28.16>

MARCAS DA SOCIALIZAÇÃO: O QUE DIZEM ESTUDANTES SOBRE A EXPERIÊNCIA NA  
UNIVERSIDADE

EIXO: 28. RELAÇÃO COM O SABER

LUCYANA SOBRAL DE SOUZA, MARCOS PAULO DE OLIVEIRA SOBRAL

## RESUMO

Os estudos desenvolvidos sobre a relação estabelecida entre estudante universitário e instituição formadora tem revelado que tornar-se membro do ambiente de estudos (PAIVANDI, 2014) pode contribuir para que o/a estudante desperte a vontade pelo o saber, socialize-se e estabeleça relações de afiliação estudantil. O presente estudo revelou como estudantes do ensino superior lidam com a dinâmica de formação, a relação com o saber e estabelecem redes socializadoras em prol do seu pertencimento dinâmica universidade. A metodologia adotada é de caráter qualitativa utilizando-se da aplicação de questionário semiestruturado. O corpus de nossa pesquisa é constituído pela participação de estudantes que cursam uma licenciatura numa universidade pública de ensino no Brasil. O estudo em tela traz à tona uma reflexão sobre a influência da socialização para a afiliação estudantil.

Palavras-chave: Socialização acadêmica. Ensino superior. Afiliação estudantil.

## RESUMEN

Los estudios desarrollados sobre la relación establecida entre estudiante universitario e institución formadora han revelado que convertirse en miembro del ambiente de estudios (PAIVANDI, 2014) puede contribuir para que el / la estudiante despierte la voluntad por el saber, socialice y establezca relaciones de afiliación estudiantil. El presente estudio reveló cómo los estudiantes de enseñanza superior tratan con la dinámica de formación, la relación con el saber y establecen redes socializadoras en favor de su pertenencia dinámica. La metodología adoptada es de carácter cualitativo utilizando la aplicación de cuestionario semiestruturado. El corpus de nuestra investigación está constituido por la participación de estudiantes que cursan una licenciatura en una universidad pública de enseñanza en Brasil. El estudio en pantalla trae a la luz una reflexión sobre la influencia de la socialización para la afiliación estudiantil.

Palabras clave: Socialización académica. Enseñanza superior. Afilación estudiantil.

## ABSTRACT

The studies developed on the relation established between university student and formative institution have revealed that becoming a member of the study environment (PAIVANDI, 2014) can contribute to the student awakening the will for the knowledge, socialize and establish relationships of student affiliation. The present study revealed how students of higher education deal with the dynamics of formation, the relationship with knowledge and establish socializing networks in favor of their dynamic university membership. The methodology adopted is of a qualitative nature, using a semi-structured questionnaire. The corpus of our research is constituted by the participation of students who study a degree in a public university of education in Brazil. The on-screen study brings to light a reflection on the influence of socialization on student affiliation.

Keywords: Academic socialization. Higher education. Student affiliation.

## INTRODUÇÃO

A expectativa de entrar na universidade é vivida por muitos/as estudantes com muita ansiedade, pois precocemente imaginam como irão lidar com a nova realidade, se terão dificuldades de adaptação, quais as disciplinas que mais se identificarão, como se dará a relação com o ambiente de estudos, com os novos/as colegas e com o saber no contexto universitário, dentre outras inquietações, vivem incertezas também sobre como farão para se manter na universidade e arcar com os custos inerentes a transporte, alimentação, investimento pessoal intelectual, etc.

Falar da relação que o estudante universitário passa a estabelecer com o ensino, em especial, das variáveis que emergem no contexto educativo e fazem com que o ingressante se torne pertencente à nova realidade, mobilize o seu saber e busque estratégias de afiliação, tem se tornado interesse de pesquisa por parte da Sociologia da Educação na tentativa de compreensão sobre a dinâmica que vem sendo desenvolvida pelo/a estudante para lidar com as rotinas pedagógicas, com a linguagem acadêmica, os novos códigos e posturas universitárias que lhes são requeridas.

Nesse processo, os padrões de socialização são colocados em evidência e um novo ofício o estudante precisa desempenhar, uma nova identidade está por ser requerida, ser estudante universitário! Mas, afinal, o que significa ser estudante universitário? O que o ingressante na universidade evidencia como necessário para lidar com a dinâmica universitária? Como se deu o ritual de “afiliação” ao contexto universitário? Quais as estratégias adotadas por estudantes universitários para conviver com as exigências demandadas na vida acadêmica? Quais dificuldades e êxitos evidenciam no itinerário formativo?

Tais perguntas fomentaram o norte de nossa inquietação e tecem o caminhar desse escrito, fruto de uma análise qualitativa que considera que tanto a subjetividade do pesquisador como a dos sujeitos estudados, torna-se parte do processo de pesquisa. (FLICK, 2009, p. 25)

A partir do estudo de um dado concreto buscamos compreender como estudantes ingressantes no ensino superior de um curso de Licenciatura na cidade de Penedo, em Alagoas, lidam com as nuances da cultura acadêmica, seu universo e constrói estratégias de afiliação para torna-se membro à nova realidade. O estudo em tela corporificou-se por meio da coleta de dados obtida através da aplicação de questionário semiestruturado com estudantes que cursam o curso superior de Licenciatura em Ciências Biológicas em uma universidade pública. Utilizou-se da análise de conteúdo com o intento de capturar nos escritos dos sujeitos participantes da pesquisa elementos que contribuísse com a discussão a que nos propomos. Nas palavras de Bauer (2002, p. 189), os textos assim como as falas, traduzem sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, significando, em algumas das vezes, muito mais do que os autores imaginam.

O itinerário de pesquisa foi dividido da seguinte forma: nas duas primeiras seções fizemos uma apresentação do contexto bibliográfico que fundamentou as nossas análises, discutindo sobre socialização e socialização acadêmica pautado nas contribuições de Adir Ferreira (2004), Saeed Paivandi (2014), Anthony Giddens (2008), Peter Berger e Brigitte Berger (1978) e sobre os conceitos de *estranhamento*, *afiliação* e *aprendizagem* empreendidos por Alain Coulon (1995; 2008). Na terceira seção abordamos a metodologia adotada, nas seções seguintes contemplamos os resultados fecundados nas análises por meio do estudo de campo, onde destacamos o perfil dos/as estudantes, sobre a escolha do curso, a chegada e à afiliação à universidade e finalizamos trazendo algumas considerações.

## **A SOCIALIZAÇÃO E A SOCIABILIDADE: BALIZADORES ADAPTATIVOS NA UNIVERSIDADE**

O ensejo de ingressar na universidade é permeado com muita expectativa pelos/as estudantes, diante do curso que selecionaram e dedicam forte projeção profissional, para àqueles que irão frequentar cursos escolhidos como segunda opção, ou ainda para os/as que não sabem muito se realmente será a área de interesse de identificação, em ambos existem curiosidades sobre como lidarão com a nova experiência, quais as dificuldades que enfrentarão, como construirão uma rede de contatos relacionais necessários no convívio acadêmico.

Como bem explica Bauman (2010, p. 34), estar na universidade é saber conviver e driblar realidades adversas que possam desafiar nossa possibilidade de escolha, a liberdade que alcançamos e a necessidade de considerar mudanças diante da convivência com os outros ou das adversidades que se apresentam, pois “a liberdade de escolha não garante nossa liberdade de efetivamente atuar sobre essas escolhas nem assegura a liberdade de atingir os resultados desejados”. (Ibid., p. 36)

Nesse “jogo” entre escolhas, exercício da liberdade e de convivência com o outro, surge a socialização, que se apresenta como um processo necessário para o pertencimento ao universo universitário, visto que por meio da socialização aprendemos a nos tornar membro da sociedade com a qual convivemos (BERGER; BERBER, 1978, p. 204) onde somos reconhecidos publicamente e aceitos diante do conjunto de saberes que socialmente adquirimos (FERREIRA, 2004, p. 15), e, papéis sociais são concebidos e assumidos no processo de interação social. (GIDDENS, 2008, p. 29)

A partir de um processo específico de afiliação estudantil viabilizada através interações no cotidiano universitário e com a dinâmica de formação, novas posturas, estratégias de estudo e de socialização são exigidas, provocando um verdadeiro *desencaixe* (GIDDENS, 1991) no/a estudante que para sobreviver a esta dinâmica precisa se envolver e assumir pra si o ofício de ser estudante neste universo.

Nesse processo de *desencaixe* e de alcance da socialização o/a estudante busca desenvolver estratégias e meios necessários para conviver com a cultura acadêmica, vivenciando, no entanto, estágios de sociabilidade, muitas das vezes marcados por conflitos, inquietações, frustrações, podendo ocorrer isolamento, rejeição, desilusão que impactam no seu processo de pertencimento e continuidade ao contexto universitário e por consequência influenciando na sua afiliação estudantil.

Estudantes oriundos das classes populares se deparam muitas das vezes com a dura realidade do ensino superior e enfrentam dificuldades reais que desafiam sua sobrevivência escolar, afinal, “apenas estudar não é o suficiente”, (FERREIRA, 2014, p. 116) se faz necessário um engajamento cognitivo e social, a construção de estratégias de aprendizagem e o investimento em processos de socialização. (Ibid., p. 118)

A concretude da universidade torna-se então um símbolo de conquista diante das adversidades enfrentadas pelos/as estudantes em sua trajetória universitária desde o seu acesso à conclusão, sendo sinônimo de pertencimento e de sobrevivência diante da complexidade que se apresenta a universidade, principalmente para os/as estudantes das classes populares.

### **ENTRE O ESTRANHAR, APRENDER E AFILIAR-SE: MARCAS DA SOCIALIZAÇÃO ACADÊMICA**

A chegada à universidade é marcada logo no início pela necessidade de desenvolver posturas diferentes daquelas empreendidas no Ensino Médio. Enquanto nessa etapa o/a estudante vivencia ainda muito presente a figura de um/a professor/a lhe acompanhando, dando informações sobre suas disciplinas, os rituais de avaliação, a dinâmica das aulas, das atividades que serão desenvolvidas, exercendo, portanto, o papel de tutela do/a estudante, no ensino superior tudo é diferente. A primeira marca dessa passagem para o universo universitário é a presença do anonimato, são tantos/as estudantes de cursos diferentes, principalmente em grandes universidades, que já não é tão fácil para o/a professor/a lembrar nem se quer de todos/as pelos nomes; A segunda mudança observa-se pela exigência de uma maior autonomia do universitário, para localizar-se no espaço, na estrutura organizacional, no reconhecimento da linguagem empreendida (um verdadeiro universo de códigos, símbolos e siglas), e o que dizer, por exemplo, da comunicação desenvolvida por meio dos editais de fomento a pesquisa, ensino, extensão e de assistência estudantil (ambos de fundamental importância para se manter na universidade); para outros/as, a autonomia passa a ser vivenciada de maneira muito particular, são os casos em que precisam morar distantes do seio familiar tendo que desenvolver posturas sozinhas em relação à sua morada, alimentação, transporte; Uma terceira mudança diz respeito à relação com o tempo, o ritmo de trabalho não é mais o mesmo, um quantitativo de disciplinas cursadas e material de estudo acumulado, além dos trabalhos, seminários e tantas outras atividades passam a requerer do/a estudante organização, proatividade, atitude, capacidade de comunicação com grupos de trabalho, dentre outras habilidades e por último, destacamos a relação estabelecida com o saber e com o ambiente de estudos. (COULON, 2008); (PAIVANDI, 2014); (CHARLOT, 2001).

Esse breve relato que aqui traçamos é tão complexo e ao mesmo tão revelador, pois esse momento de transição para a universidade é em muitas das vezes crucial para a permanência do/a estudante no ensino superior, marcado por dúvidas, sofrimentos e ansiedades diante do novo que se apresenta, é o que Coulon (2008) denomina de tempo do *estranhamento*. Quando se reconhece que a lógica do aprender não é mais a mesma, agora se organiza seu próprio programa de estudo, é necessário administrar o tempo, novos desafios intelectuais são provocados (aqui se nota a ausência de conhecimentos específicos da base anterior), é um confronto progressivo com novas práticas e regras de funcionamento.

o novo estudante se encontra inicialmente na fase da separação com o passado familiar, ao longo do qual ele perde suas referências anteriores: é preciso “esquecer” aquilo que ele conhece bem [...] o que é importante é o ponto de encontro entre a universidade e o futuro estudante, deixando para trás o tempo da separação e a viagem realizada entre esta e a porta da universidade. Diante dessa porta que se abre para a estranheza, o iniciante percebe um mundo que não é mais familiar. (Ibid., p. 40)

Superado o turbilhão do estranhamento e do choque com os primeiros contatos o/a estudante começa a enfrentar um longo processo de muito aprendizado no novo contexto vivido. É preciso conviver com as possibilidades que margeiam entre o risco e a confiança (GIDDENS, 1991) tecendo estratégias que viabilizem a inserção progressiva no segundo momento denominado de tempo da *aprendizagem*. Esse tempo, entendemos como um momento profícuo para estabelecer vínculos de confiança, laços de sociabilidade que permitam ao/a estudante transitar no universo universitário com maior autonomia e reconhecimento dos condicionantes que dificultam o seu estudo, desenvolvendo a partir daí estratégias específicas para melhor conviver e sobreviver na universidade.

Superada as dificuldades ou ao menos aprendendo a lidar com elas, finalmente é possível dizer que o/a estudante afiliou-se ao contexto universitário, o grau de familiaridade e de pertencimento à universidade possibilitou a continuidade nos estudos, este é o tempo da *afiliação*, onde não se pode determinar por quanto tempo perdurou desde a aprendizagem até que se almejasse a afiliação, mas pode-se afirmar que novas posturas e atitudes foram gestadas assumindo-se o “ofício de estudante”. (COULON, 2008)

## **A METODOLOGIA DE PESQUISA**

Os dados da pesquisa foram constituídos a partir da participação voluntária de 38 estudantes que cursam o 2º período de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, numa universidade pública do Brasil. A pesquisa tem característica qualitativa, pois se dirige à análise de um caso concreto onde o que importa não é a quantidade de participantes que compõem a amostra, mas sim a capacidade expressa nos sujeitos informantes em produzir informações.

Segundo Gatti e André (2011, p. 30) “a abordagem qualitativa defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas”. Dessa maneira, contribui para melhor compreender os significados atribuídos pelos/as estudantes à experiência universitária, possibilitando interpretar essa realidade e captar elementos significativos que respondam à maneira como o/a estudante desenvolve suas estratégias para permanecer, sobreviver e afiliar-se ao contexto da universidade.

O instrumental de pesquisa utilizado foi um questionário semiestruturado com perguntas que buscavam caracterizar o perfil dos respondentes; relatasse os interesses motivacionais em relação à universidade e a escolha do curso; como se deu a chegada ao curso e o processo de familiarização; como a universidade engendrou mudanças de ordem cognitiva, social e pessoal na vida do/a estudante e sobre como avaliam as formas de socialização existentes e se essas contribuíram para a

sua permanência na universidade.

## O PERFIL DOS/AS ESTUDANTES

Para melhor definição do perfil da turma pesquisada o questionário que foi utilizado como instrumento de coleta buscou caracterizar os respondentes partindo dos dados individuais para caracterização social, às questões mais específicas e de caráter mais subjetivo em relação ao fenômeno que fora estudado. O grupo de estudantes pesquisados é composto por um total de 44 estudantes, sendo que se disponibilizaram voluntariamente a participar da pesquisa, 38 estudantes.

A composição amostral apresentou os seguintes indicadores:

### a. Em relação a idade dos estudantes, obtivemos o seguinte resultado:

- a1) 1 estudante com 18 anos;
- a2) 4 estudantes com 19 anos;
- a3) 8 estudantes com 20 anos;
- a4) 9 estudantes com 21 anos;
- a5) 4 estudantes com 22 anos;
- a6) 3 estudantes com 23 anos;
- a7) 3 estudantes com 24 anos;
- a8) 1 estudante com 25 anos;
- a9) 2 estudantes com 27 anos;
- a10) 1 estudante com 28 anos;
- a11) 1 estudante com 29 anos;
- a12) 1 estudante com 39 anos;

O perfil de idade dos/as estudantes apresenta uma taxa média de idade dos jovens estudantes compreendida entre 18 e 39 anos de idade, a variação de idades dos/as jovens na universidade apresenta uma variação que também reflete às formas de acesso à universidade, ou melhor, reflete o hiato com que a política educacional foi tratada durante longo período da história da educação brasileira. O sonho dos jovens oriundos de famílias pobres chegarem à universidade pública e gratuita sempre foi quase que impossível de ser alcançado.

Na verdade, existe um sentimento de contentamento, aceitação por parte da população mais carente que não se via como capaz de usufruir da universidade pública, pois aos menos abastados, bastava terminar o ensino médio profissionalizante e logo arranjar um emprego para auxiliar nas despesas de casa e assim fazendo parte da vida adulta, contribuir para o sustento da família, sem muitos sonhos em relação ao desenvolvimento profissional através da qualificação num curso de nível superior.

De acordo com os estudos de Vasconcelos (2016, p. 127):

quanto ao ensino superior, observa-se que somente 19,0% (14,5% em curso e 4,2% concluído) dos jovens entre 18 e 24 anos haviam alcançado esse nível de ensino. Esse percentual, uma aproximação da taxa líquida de matrícula no

ensino superior, é muito inferior aos 33,0% estabelecido pelo PNE 2011-2020. No entanto, [...], essa proporção apresenta diferenças significativas quando recortada segundo características socioeconômicas e demográficas.

A inserção dos/as jovens pobres nos cursos superiores na universidade pública não é apenas comprometida e afetada pela forma como se consolidou a política educacional do seu país, mas também por indicadores socioeconômicos, a exemplo desses indicadores, citamos aqui o acesso ao nível médio de escolarização da população em geral.

**a. Quanto ao estado civil dos/as estudantes entrevistados/as, foi identificado o seguinte panorama:**

- b1) 28 estudantes são solteiros;
- b2) 7 estudantes são casados;
- b3) 2 estudantes são viúvos;
- b4) 1 estudante não respondeu essa questão.

Observamos que às representações sociais em torno do casamento ainda estão por se definir para a maioria dos/as jovens estudados/as. Nessa perspectiva, olhar para esse segmento é reconhecer que esse grupo social traz consigo definições sobre o que têm mudado ao longo do tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais.

Encontramos no Estatuto da Juventude a seguinte definição, pois "são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade" (BRASIL, 2013). Assim, é importante compreender que, apesar da importância da definição etária, as juventudes não podem ser reduzidas a simples visão numérica, pois suas trajetórias e as representações históricas são diversificadas. Dessa forma, ser jovem é uma condição muito além de uma experiência geracional, diz respeito a viver múltiplos pertencimentos; é estar permanentemente em trânsito nessas experiências, sendo atravessado e construído pelas condições concretas da vida.

Nesse sentido, compreender o que é ser jovem nos demanda o olhar para uma série de elementos que nos remetem a uma heterogeneidade de situações e que apontam para a pluralidade presente neste segmento social. Se outrora a discussão sobre o conceito juventudes no plural era utilizada prioritariamente pelos/as pesquisadores/as, agora, percebe-se também no léxico dos/as próprios/as jovens.

## **A ESCOLHA DO CURSO**

A transição do ensino médio e o acesso ao curso superior torna-se para a maioria dos jovens brasileiros um ritual de passagem. Há um conjunto de expectativas e pressões que o jovem sofre por conta das projeções familiares e sociais sobre a escolha do futuro universitário.

A precarização do acesso ao ensino superior no país, no caso da realidade de algumas regiões do país, onde a presença do ensino superior público e gratuito demorou a ocorrer, traz complicações para a escolha que se dá pelas poucas opções que estão disponíveis para os/as jovens, pois como o resultado das políticas públicas de universalização do acesso da juventude pobre ao ensino superior, ainda temos muito que promover no campo das políticas públicas em educação.

Em alguns casos, a escolha ainda é influenciada pela própria família e pode acarretar em diversos

problemas no futuro profissional do/a jovem, como não exercer a profissão de formação; gerar a desistência do curso, entre outras situações.

Nunca lógica de redução de danos e tentando evitar o abandono do curso pela escolha errada, devem-se observar alguns aspectos como: fazer um teste vocacional, ouvir profissionais da área e participar de feiras que apresentam os cursos superiores relacionados ao mercado de trabalho.

Quando o/a jovem adentra à universidade, o mundo que é apresentado redimensiona vários aspectos de sua vida, pois a necessidade de estabelecimento de relações com outras pessoas, corrobora para o fortalecimento dos aspectos humanistas, tão necessários para a superação de desafios culturais, inclusive, à ressignificação de sua rota formativa na universidade, uma vez que o processo de socialização contribuirá para novas formas de interação complexas e transformadoras possibilitando maior autonomia, liberdade e independência na universidade, e finalmente ocasionando uma melhor adaptação no curso escolhido. Esses desafios permitem o desenvolvimento intelectual do/a jovem.

Quanto ao grupo amostral dessa pesquisa foi perguntado sobre a satisfação em relação ao curso escolhido e o resultado foi o seguinte: 14 respondentes disseram ser o curso de Ciências Biológicas o curso que desejavam fazer, o que representa (38,8%) da amostra analisada e 24 respondentes disseram que gostariam de fazer outro curso, o que equivale a (66,6%) dos respondentes.

E o que isso reflete? Que os/as jovens estão acessando cada vez mais cedo a universidade e que a escolha de um curso superior é visto como uma necessidade para acessar as diversas áreas do conhecimento. A decisão sobre o curso ou instituição de ensino superior a escolher é uma grande responsabilidade para o/a jovem com tão pouca experiência de vida, mas é visto pela família e a sociedade como necessidade (WELLE, 2007). Quando o/a jovem inicia na vida acadêmica alguns aspectos sociais, econômicos e humanos se fortalecem, ou seja, o ingresso no curso superior traz novos desafios desde culturais até adaptativos no próprio curso escolhido. Esses desafios permitem o desenvolvimento do/a jovem, principalmente no quesito intelectual. Outros valores, atitudes e sonhos também são adicionados durante a vida acadêmica.

## **A CHEGADA À UNIVERSIDADE**

A entrada na Universidade é uma etapa marcada por intensas mudanças na vida do/a estudante, representando, para muitos/as, o momento em que terá que responsabilizar-se por sua vida.

Pesquisar e compreender como a vida do/a jovem universitário é afetada por sua entrada na universidade é fundamental, pois a passagem do ensino médio para o ensino superior é construída em redes complexas, integradas as situações e fatos da vida pessoal e acadêmica, dos problemas familiares, das questões financeiras, dos problemas de saúde, dos sofrimentos que antecedem sua chegada a universidade, do sonho de conquista da independência e autorrealização pela escolha da profissão futura, e assim, precisam ser atendidos a partir dos repertórios vivenciais que os sujeitos possuem, pois estes podem interferir no desenvolvimento educacional, na motivação, no interesse e na formação profissional.

Ao perguntarmos aos/as estudantes sobre como poderiam caracterizar a sua chegada à universidade, obtivemos as seguintes declarações:

**E1** – *Foi algo muito bom, mas as dificuldades são várias, pois moro muito longe e tenho que dormir em outro lugar e assim chego na minha casa na outra manhã.*

(Entrevistado 1, 20 anos, união estável)

**E2** – *Foi uma novidade, após 5 anos sem estudar, consegui meu objetivo, apesar de sofrer com transporte por morar numa comunidade Quilombola e não receber nenhum auxílio para ajuda.*

(Entrevistado 2, 27 anos, casado)

**E3** – *Falta de preparo em relação a educação que tive anteriormente.*

(Entrevistado 3, 21 anos, solteiro)

**E4** – *Foi boa embora me senti muito perdida e externa aos programas e políticas da universidade.*

(Entrevistado 4, 21 anos, solteiro)

**E5** – *Muito boa, a dificuldade que encontrei é adequar o horário do trabalho com as aulas.*

(Entrevistada 5, 28 anos, casado)

**E6** – *A minha chegada à universidade foi gratificante, principalmente a minha família, foi motivo de me deixar mais instigada para realizar todos os meus sonhos. Acredito que minha única dificuldade seja porque o horário noturno faz eu ficar meio dispersa devido o sono.*

(Entrevistada 6, 19 anos, solteira)

**E7** – *Uma conquista muito grande. A minha dificuldade está em relação ao tempo pra estudo, trabalho os dois horários e sou dona de casa.*

(Entrevistada 7, 24 anos, casada)

**E8** – *Minha dificuldade conciliar o trabalho com universidade, pois o tempo é mínimo para estudar e dedicar ao curso.*

(Entrevistado 8, 20 anos, solteira)

**E9** – *Muito difícil entrar na universidade “Pública”, por conta da competitividade, existem pessoas mais preparadas e que cursaram a escola privada. Tentei entrar 3x. Fiz enem 3x.*

(Entrevistado 9, 21 anos, casado)

**E10** – *Sou filho de mãe solteira, ela é provedora da casa e por mais que a universidades seja gratuita, a necessidade por trás que requer dinheiro o qual muitas vezes não posso suprir.*

(Entrevistado 10, 19 anos, solteiro)

A análise das falas dos/as estudantes aqui em destaque revelam elementos complicadores nesse processo de chegada à universidade. Apesar de variarem nas respostas, os/as estudantes sinalizaram a falta de auxílio para transporte, a moradia distante da universidade, o fato do curso ser noturno, a dificuldade em conciliar o estudo com o trabalho – o cansaço é grande e o tempo para dedicação ao estudo torna-se muito pouco para uma maior dedicação – como verdadeiros complicadores da real condição do estudante universitário, que apesar de estudar em uma universidade pública precisa driblar as barreiras de acesso e de permanência na mesma. A maioria dos/as estudantes que compuseram essa pesquisa são oriundos de classe popular e precisam lidar com despesas diárias para se manter na universidade, reforçando a afirmativa e ao mesmo tempo a pergunta onde se diz: entrei na universidade, sim! Mas, e depois

Em estudo realizado pelo Observatório Universitário da Universidade Cândido Mendes, constatou-se que “25% dos potenciais alunos universitários são tão carentes que não têm condições de entrar no ensino superior, mesmo se ele for gratuito” (PACHECO; RISTOFF, 2004, p. 9). Essa realidade revela a necessidade de que políticas de acesso venham acompanhadas de políticas de permanência dos/as estudantes no contexto universitário.

Elementos citados pelos/as estudantes dizem respeito a ausência de preparo em etapas anteriores à universidade compreendendo o ensino superior como muito difícil de acesso, principalmente devido à competitividade com estudantes mais preparados. As diferenças sociais e individuais revelam como os/as estudam precisam persistir e buscar alternativas para alcançar o almejado ingresso na universidade, esta expressa nas palavras dos/as participantes como um sonho – uma conquista – um sentimento de gratidão desse prestígio social reconhecido pela família.

Outro ponto sinalizado por uma estudante diz respeito ao estranhamento perceptível em relação à dinâmica universitária, ao relatar se senti perda e externa aos programas e políticas da universidade. Essa situação revela como estudantes universitários se sentem a sós em relação à vivência na universidade, enquanto na educação básica vivenciou-se o tempo do tutelamento, agora é o tempo do anonimato (COULON, 2008, p. 34). O/a estudante precisa desempenhar uma nova posição, ser ator principal e interlocutor de suas ações, buscando familiarizar-se com as regras formais da universidade, mas também, com as regras de convivência, de circulação, de linguagem, de condutas, de orientação, entre outras, nesse espaço tão complexo e desafiador, tornando-se a busca por estratégias de socialização um importante mecanismo para se manter na universidade e aprender a lidar com a dinamicidade com que ela se apresenta.

Ao perguntarmos aos/as participantes da pesquisa sobre o processo de socialização ao chegar a universidade, se algo lhe gerou estranhamento obtivemos os seguintes depoimentos **E1** – *Sim, pessoas com o mais alto grau (professores) que não se preocuparam muito com horários, didáticas, pontualidade, notas etc.*

(Entrevistado 1, 20 anos, união estável)

**E2** – *As novas formas de ensino, mais avançadas e sistematizadas.*

(Entrevistado 2, 27 anos, casado)

**E3** – *O nível dos professores e do ensino.*

(Entrevistado 3, 21 anos, solteiro)

**E4** – *Sim, o desleixo profissional de alguns professores, especialmente do 1º período.*

(Entrevistado 4, 21 anos, solteiro)

**E6** – *Sim, O bombardeamento de informações e na primeira semana de aula. Informações em relação ao curso, à direitos e deveres.*

(Entrevistada 6, 19 anos, solteira)

**E7** – *Não – mas sim um método de ensino diferenciados – positivamente.*

(Entrevistada 7, 24 anos, casada)

**E9** – *Não, Por que venho de um Instituto Federal (IFAC) onde é muito organizado, mais que a UFAL, acho que foi esse o estranhamento. Esperava algo mais, talvez.*

(Entrevistado 9, 21 anos, casado)

**E10** – *Sim, é um meio muito diferente da escola e estou tentando me habituar.*

(Entrevistado 10, 19 anos, solteiro)

Primeiro é possível depreender desses relatos como os/as estudantes percebem e apreciam a não/organização pedagógica do/a professor/a no exercício de sua função e caracterizam como um

estranhamento, por se tratar de uma postura observada e que não corresponde ao papel que deveria ser desempenhado por um docente num cenário universitário; denunciam situações como sendo inadmissíveis para um professor de “alto grau”, pois sinalizam problemas no cumprimento de horários, pontualidade, notas entre outros aspectos; e em segundo, atribuem como estranhamento a sua própria vivência nesse universo, ao se depararem com métodos de ensino diferenciados, bombardeio de informações, a diferença em relação à escola anterior fazendo comparativos quanto a organização muito mais presente na instituição anterior do que na instituição atual, ao fazer comparações demonstram, inclusive, um processo ainda de busca por familiarização ao contexto universitário.

## MARCAS DA SOCIALIZAÇÃO

Nesse processo de familiarização ao contexto universitário perguntamos se o acesso à universidade favoreceu algum tipo de mudança de hábito e/ou comportamento na sua vida pessoal e acadêmica. O intento foi de captar como a socialização universitária contribuiu para a superação da fase de estranhamento e à permanência na universidade, e se fez necessário a utilização de estratégias de pertencimento a este cenário. Segundo Paivandi (2014) o ponto de vista do/a estudante sobre a situação com a qual ele se insere e se constrói, se transforma através da socialização universitária. “Toda socialização constitui um fenômeno interacional e um processo de aquisição de saberes que se impõem no desenvolvimento de trocas e nos laços sociais”. (ibidem., p. 50)

Os relatos dos/as estudantes revelaram como a partir da dinamicidade das interações sociais os/as estudantes passam a estabelecer com a universidade uma nova relação com o saber, lhe exigindo mais atenção, organização dos estudos, necessitando de mais leitura, pesquisa, estudo, projeções futuras passam a ser redesenhadas, a maneira de ver e compreender o mundo ganha novos sentidos e significados, basta observarmos nas falas sobre como a vida pessoal foi modificada, o/a estudante acadêmico se vê imerso em um contexto que requer a constante leitura, fazendo com que as demandas universitárias ocupem boa parte do tempo do/a universitário/a como bem destacaram esses/as participantes:

[...] antes de ter acesso a Universidade eu tinha uma visão um pouco limitada [...]. E antes, eu já tinha um ano em média que eu não estudava, e agora a minha vida se baseia na faculdade, as demais vem sendo em segundo plano, de certa forma. (Entrevistada 6, 19 anos, solteira)

Reorganizei meus horários com relação à minha vida pessoal e comecei a ter hábitos de leitura e pesquisa. (Entrevistada 2, 27 anos, casada)

As falas expressam que apesar das dificuldades percebidas no processo de chegada à universidade e geradoras de graus de estranhamento, nesse momento os/as estudantes compreenderam o ofício de um estudante universitário, reconhecem que já não são mais os/as mesmos/as e que a relação estabelecida com o tempo, o espaço e as regras do saber foram transformadas. (COULON, 2008, p. 35)

O sentimento de que a universidade lhe provocou mais responsabilidade, mudou a forma de ver o mundo, introduziu novos hábitos de leitura, por exemplo, elementos presentes nas participações dos/as estudantes denotam um grau de pertencimento do/a estudante à universidade e o reconhecimento social da instituição. Apesar de ajustes necessários para se fazer pertencente à comunidade universitária, os/as estudantes são capazes de reconhecer como o ambiente acadêmico transformou a maneira de lidar com a nova realidade, agora, sentindo-se afiliados ao mundo universitário, como bem relatou uma entrevistada: “você se torna ainda mais responsável, seus sonhos crescem, você acredita mais em si, apesar da vontade desistir, por ser cansativo. (Entrevista 9, 21 anos, solteira)

## A AFILIAÇÃO À UNIVERSIDADE

Como reconhecer se um/a estudante encontra-se afiliado/a Para a identificação dos traços que sinalizam um processo de afiliação, Alain Coulon (2008) realizou estudos na Universidade de Paris 8 buscando compreender o processo de afiliação institucional e intelectual que possibilita aos estudantes se tornarem membros da comunidade universitária. Apesar das diferenças evidentes entre as instituições brasileiras e às parisienses, o estudo aponta elementos que se percebem igualmente na realidade brasileira – quem adentra ao sistema universitário precisa aprender o ofício de uma/a estudante universitário/a – dominar e lidar com regras acadêmicas, desenvolver estratégias que denotem uma mudança de atuação em relação à perspectiva institucional e intelectual. Na condução do seu trabalho, Coulon conceituou que afiliar-se caracteriza como um momento crucial em que o/a estudante se reconhece como membro do contexto universitário, quando o ambiente não se apresenta mais hostil, mesmo que em determinado momento o/a estudante se depare com alguma situação de ordem estranha ou inusitada. Coulon assevera que tornar-se afiliado é saber administrar as diversas regras que organizam a vida social e intelectual do trabalho universitário quer sejam no plano institucional e no plano intelectual. Para constatação se essas competências haviam sido adquiridas pelo/as estudantes entrevistados/as na realidade observada em nosso estudo, fizemos a seguinte pergunta: De que forma o acesso à Universidade causou mudanças na sua rotina familiar ou profissional

Vejamos o que disseram alguns dos/as estudantes que selecionamos da nossa amostra:

**E1** – *Fiquei sem muito tempo para cumprir outras tarefas.*

(Entrevistado 1, 20 anos, vive junto)

**E2** – *Tive que reorganizar meus horários com a minha família, pelo fato de ter que deixar meu filho todas as noites para poder estudar.*

(Entrevistada 2, 27 anos, casada)

**E3** – *Me tirou da rotina de ficar sem fazer nada. E me levou a estudar mais.*

(Entrevistado 3, 21 anos, solteiro)

**E4** – *Me distanciou de festas em família (a maioria delas), mas percebi que meu ingresso motivou meus irmãos e primos.*

(Entrevistado 3, 21anos, solteiro)

**E6** – *Depois da universidade eu passei a ter mais organização familiar. Antes a minha rotina era praticamente cuidar da casa, ajudando minha mãe e agora não mais.*

(Entrevista 6, 19 anos, solteira)

**E7** – *O compromisso maior com os estudos semanalmente [...].*

(Entrevista 7, 24 anos, casado)

**E9** – *Tudo é mais corrido agora, tenho pouco tempo para ficar com eles.*

(Entrevista 9, 21 anos, casado)

**E10** – *Agora, as responsabilidades em relação à universidade, mas não me atrapalhou.*

(Entrevista 10, 19 anos, solteiro)

Os relatos denotam que a experiência universitária provocou mudanças complexas na vida social e intelectual dos/as estudantes, demandando reajustes, por exemplo, para a estudante casada e com filho que necessita contar com uma rede familiar e assim poder estudar; modificando a rotina de outra estudante que antes apenas dedicava-se ao espaço privado (casa/família) e agora, concomitante a esse precisa lidar com as demandas do espaço público (universidade). É notório que a atividade social extra universidade foi alterada, mexendo com a rotina dos/as estudantes, necessitando estabelecer uma sistemática de organização de horários e estudos mesmo que se sacrifiquem horas de lazer com a família, com os amigos. Os estudantes percebem que os diversos dispositivos institucionais que regem o cotidiano universitário provocaram um verdadeiro *desencaixe* (GIDDENS, 1991) em sua vida cotidiana. “Estudos semanalmente”, novas “responsabilidades” e “estudar mais”, são elementos indicativos de mudanças de ordem intelectual e institucional, agora concretamente se fez necessário estabelecer normas de reorganização da vida cotidiana para responder satisfatoriamente ao ofício de um/a estudante universitário/a. As regras percebidas no ensino médio não são as mesmas que as presenciadas no ensino superior, agora muito mais complexas e desafiadoras fazendo com que o/a estudante domine os códigos típicos da vida acadêmica universitária e passe a partilhar posturas e ações que o tornam afiliado intelectualmente ao mundo universitário.

## CONSIDERAÇÕES

Destacamos o quão importante este estudo se revelou ao visibilizar elementos da trajetória de pertencimento dos/as estudantes à universidade muitas das vezes obscurecidos, que de maneira tão diversificada e peculiar reforçam nuances que confirmam tensões vividas pelos/as estudantes em sua trajetória universitária. Os/as estudantes ao entrarem na universidade se deparam com uma realidade difícil, pois não basta entrar na universidade é necessário aprender o ofício de um estudante universitário e para muitos/as ainda lidar com dificuldades diversas de ordem econômica, social e cultural durante o trajeto universitário. Em um verdadeiro “jogo” de *desencaixe* estudantes são desafiados a se manterem sobreviventes na nova ordem, incorporando posturas, normas, saberes, condutas em sintonia com a universidade, ainda que se precise reorientar sua vida cotidiana em prol de sua afiliação universitária. A trajetória para alguns é dura, permeada por tensões, dificuldades de ordem intelectual, problemas com o estabelecimento de laços de sociabilidade que possam favorecer seu processo de socialização na universidade. A tarefa pode se tornar longa para alguns/mas estudantes ou nem iniciar para outros/as. Reconhecer essas nuances que possam afetar o pertencimento e/ou a continuidade do/a estudante na universidade é fundamental, cabendo a instituição desenvolver posturas que possibilitem uma verdadeira afiliação pedagógica do/a estudante, minimizando as dificuldades e percalços dessa trajetória, pois entendermos, assim como defende Coulon (2008), que a relação com o saber é mediada por uma relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza (org.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. São Paulo/Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 200-214.

BAUMAN Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Adir Luiz. **Havia uma sociologia no meio da escola**. Natal, RN: EDUFRN, editora da UFRN, 2004.

\_\_\_\_\_. **Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente**. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, jan./abr. 2014, p. 116-140.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (orgs.). Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 27-38.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Tradução Alexandra Figueiredo et all. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

\_\_\_\_\_. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

PACHECO, Eliezer; RISTOFF, Dilvo I. **Educação superior: democratizando o acesso**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2004 (Série Documental Textos para discussão n. 12).

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o meio ambiente de estudos. Tradução Adir Luiz Ferreira. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, jan./abr. 2014, p. 39-64. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5729/4701>>. Acesso em 08 de jul. 2018.

SALDANHA, L. A.; SILVA, J. R. & CASTRO, S. M. R. 2008. **Sonhos e crises: Marcas da jornada universitária**. 19pp. Disponível em: . Acesso em 25 de set. 2008.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales. Juventude e Ensino Superior. In: **Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira**. Tom Dwyer ... [et al.].(orgs.). Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016, Cap. 4, p. 125-137.

WELLE, H.K.A.M. Fazer Pedagogia e ser Professor uma Relação (nem tão) Direta. **Anais do XXIII Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação**. Porto Alegre, 2007.

